

OS PROJETOS PROFISSIONAIS DE JOVENS AGRICULTORES FAMILIARES:

estudo do município de Valença-BA

João Paulo Aguiar de Sousa¹
Nilson Weisheimer²

¹ Mestre em Ciências Sociais pela UFRB. Professor da Faculdade Zacarias de Góes (FAZAG). Pesquisado do Núcleo de Estudos em Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural (NEAF/UFRB). E-mail: joaopaulo.aguiar15@hotmail.

² Doutor em Sociologia pela UFRGS Professor Adjunto IV da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Professor Permanente do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdade e Desenvolvimento (PPGCS/UFRB). Líder dos Grupos de Pesquisas Núcleo de Estudos em Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural (NEAF/UFRB) e Observatório Social da Juventude (OSJ/UFRB). E mail: weisheimer@pq.cnpq.br

RESUMO: O artigo busca analisar a construção dos projetos profissionais de jovens agricultores familiares no município de Valença-BA considerando a sua condição material e socialização comparando os resultados segundo a condição de gênero dos entrevistados. Com base em análise quantitativa e representativa foram realizadas 138 entrevistas obedecendo às cotas por sexo e faixa etária. Como resultados constamos diferenciações sociais de gênero na socialização dos jovens no processo de trabalho familiar agrícola e no acesso a recursos materiais o que se reflete na decisão sobre os projetos profissionais. Predomina entre os jovens a recusa em reproduzir o processo de trabalho evidenciando a crise de sucessão geracional na agricultura familiar.

PALAVRAS CHAVES: jovens agricultores familiares, projetos profissionais, gênero, processo de trabalho familiar agrícola.

O presente artigo apresenta os resultados parciais contidos em uma dissertação que objetivou analisar a construção dos projetos profissionais de jovens agricultores familiares no município de Valença-BA, considerando a sua condição material e processos de socialização, comparando os resultados segundo o gênero dos entrevistados. Neste intuito articulamos as variáveis: condição fundiária; renda familiar; socialização no processo de trabalho familiar agrícola e; a socialização na educação formal, tendo a condição de gênero como interveniente. Com isso buscou-se explicar os projetos profissionais elaborados por jovens agricultores familiares no município de Valença-BA.³

³ Dissertação de mestrado defendida em 05 de julho de 2018 e financiada Fundação de Amparo a Pesquisa da Bahia (FAPESB) com título "Projetos profissionais de jovens agricultores familiares no município de Valença-BA".



Segundo Weisheimer (2009, p.110) há uma necessidade de compreensão dos jovens nos contextos da agricultura familiar e isso se daria por meio de um construto teórico que contemple a juventude e os processos sociais agrários, mas que sintetize a complexidade das suas mútuas implicações. Ainda no entendimento do autor, “[...] como nem todos os jovens rurais ocupam-se de atividades agrícolas, julga-se necessário demarcar a singularidade daqueles que estão inseridos no processo de trabalho familiar agrícola” (WEISHEIMER, 2009, p.110), por essa razão a categoria dos jovens agricultores familiares é importante por delimitar a especificidade juvenil no contexto próprio da agricultura familiar. No entendimento de Weisheimer os jovens agricultores familiares “[...] são membros de unidade doméstica que também atua como unidade de produção agrícola. Ou seja, o traço distintivo dos jovens agricultores familiares vem da sua participação no processo de trabalho familiar agrícola” (2009, p. 239).

Recorrendo às obras que versam sobre as juventudes rurais no Brasil, duas temáticas são abordadas com maior relevância pelos seus autores, o problema da migração do campo para a cidade e a sucessão geracional ou reprodução social do trabalho familiar agrícola (WEISHEIMER, 2005; CASTRO, 2009). A questão da migração aparece nos trabalhos como a principal alternativa ou imposição social colocada aos jovens do meio rural ou vista ainda como processo esporádico dada a inserção capitalista no campo ou ainda, uma “decorrência natural e inevitável da modernização da sociedade” (SOROKIN; ZIMMERMAN; GALPIN, 1981). Neste sentido alguns dos estudos concluem que os processos migratórios dos jovens para o meio urbano indicariam a crise na reprodução social Processo de Trabalho Familiar Agrícola (PTFA) e inviabilizando sucessão geracional na agricultura familiar.

As dificuldades de acesso a terra e a renda constituem-se, entre outras, barreiras objetivas nesse processo. Weisheimer (2009) destaca ainda a baixa autonomia material que os jovens dispõem na agricultura familiar, como um dos principais entraves a sucessão geracional nessa atividade. Isso porque, além de não serem os donos das terras em que trabalham, eles pouco acessam os recursos provenientes do trabalho familiar e não possuem poder decisório “de onde, como e o que produzir”. As relações patriarcais que marcam as relações familiares no campo dificilmente dão espaço para os projetos dos jovens e principalmente das mulheres. A transmissão tardia do patrimônio também é apontada como um fator que desmotiva o jovem em relação a essa atividade.

Emerge como questão relevante neste contexto as desigualdades de gênero. A socialização no trabalho agrícola se faz como socialização de gênero que diferencia papéis sociais de homens e mulheres. Seu trabalho é pouco valorizado, elas possuem menor autonomia material que os jovens da mesma idade e de modo geral elas têm menos acesso à herança dos meios de produção (WEISHEIMER, 2009). Ainda nas palavras de Weisheimer (2009, p.170):

O enfoque de gênero, conjuntamente com o geracional, permite identificar que a socialização dos jovens no trabalho familiar agrícola impõe-lhes um repertório de regras que devem ser respeitadas em suas práticas cotidianas. O predomínio do chefe masculino se

transmite na socialização no trabalho, onde as mulheres se subordinam aos homens; os jovens, aos seus pais. Estas práticas reproduzem as posições ocupadas por homens e mulheres, crianças, jovens, adultos e idosos na hierarquia doméstica.

Dito isto, a problemática que aqui analisamos perpassa pelo pressuposto que os jovens inseridos na agricultura familiar elaboram seus projetos profissionais levando em conta as condições materiais como o acesso a terra e a renda familiar e também por disposições adquiridas ao longo dos processos de socialização e que esses fatores são fortemente marcados por relações sociais de gênero e que impõe dinâmicas diferenciais ao fenômeno social em questão. Percebendo o meio rural contemporâneo como espaço heterogêneo vai encontrar uma diversidade de situações, que pode abrigar, inclusive, possibilidades dos jovens constituírem projetos profissionais não agrícolas, sem necessariamente condicionar a saída deles do meio rural.

Partindo do entendimento que “o projeto não é um mero recorte de um contexto social maior, nem uma escolha no vazio, mas uma forma de manipular e dar direção a conjuntos de símbolos existentes em uma cultura” (VELHO, 2004, p.108). Objetivamos com o estudo dos projetos de profissionais dos jovens agricultores familiares compreender as relações sociais que eles estão inseridos partes. Com efeito, a problemática que motivou este trabalho pode ser expressa na seguinte indagação. Como podem ser sociologicamente explicados os projetos profissionais formulados por jovens agricultores familiares no município de Valença-BA?

Inserindo-se em uma agenda de estudos sobre a situação juvenil na agricultura familiar buscamos testar a seguinte hipótese. Haveria uma dualidade nos projetos profissionais dos jovens agricultores familiares na realidade de Valença-BA. Os jovens agricultores familiares do gênero masculino, em família com melhores condições materiais e mais socializados no trabalho familiar, tenderiam a elaborar seus projetos profissionais agrícolas. Por outro lado, as jovens mulheres com baixa condição material e maior socialização escolar inclinam-se a construir seus projetos direcionados aos trabalhos não agrícolas.

RESUMO DO MÉTODO DE PESQUISA

O estudo foi realizado com técnicas de pesquisa quantitativa. No meio rural de Valença são aproximadamente 6.953 jovens na faixa de idade de 15 a 29 anos residentes, segundo o IBGE (2010). Para este trabalho usamos o universo rural juvenil total, dada à inexistência de dados específicos sobre a população por condição de ocupação na agricultura familiar no nível municipal. Optamos por construir uma amostra aleatória simples, estratificada por sexo e idades. Para o cálculo da amostra estabelecemos um nível de confiança de 95% e a margem de erro de 5%. A amostra resultante foi de 138 entrevistas.

Em síntese, por meio dos dados subsidiados pelos entrevistados, os jovens inseridos na agricultura familiar de Valença-BA são majoritariamente homens, situados na faixa etária de 15 a 19 anos, solteiros e negros ou pardos. A maioria possui o grau de ensino

fundamental incompleto e se autoidentificam como estudantes ou jovens agricultores. De outro lado as mulheres que permanecem no meio rural estão concentradas na faixa etária de 15 a 19 anos, solteiras e possuem grau de escolaridade superior aos homens. Um quarto das entrevistadas, são negras ou pardas estão casadas e se autoidentificam como estudantes. Por fim, entres os entrevistados há um maior percentual de mulheres com filhos.

SOBRE O CONCEITO DE PROJETO

Gilberto Velho inspirado na obra de Alfred Schutz, filósofo nascido na Áustria, vai relacionar o conceito de projeto a uma dimensão racional e consciente, expressa no campo de possibilidades (VELHO, 2003). O autor demarca que o projeto não obra do acaso, nem tão pouco, algo inconsciente, mas fruto de uma construção reflexiva, que leva em conta diversas dimensões, por isso o relaciona ao conceito de campo de possibilidades. Para Velho “[...] campo de possibilidades trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura” (2003, p.28). Em outras palavras, o campo de possibilidades seria uma teia de relações que abrange a dimensão social, econômica, cultural e simbólica em que os sujeitos vivem e têm acesso.

A reflexão desenvolvida por Velho conduz-nos a pensar no projeto como uma relação dialética com os fatores constitutivos da realidade sócio-histórico presentes no meio que os indivíduos estão inseridos, quanto mais complexas forem às sociedades, mais diversos serão os projetos, quanto menores, maiores serão as chances de reprodução de papéis sociais já estabelecidos. Noutros termos, não podemos considerar o projeto esvaziado de sua relação intrínseca com o processo de socialização, com as condições materiais, as diferenças entre gêneros, raças e cultura etc. Neste ponto ganha relevância o contra argumento, da naturalização do projeto como “escolha”, livre arbítrio, ou determinismo, por isso o autor elege “campo de possibilidade”.

Velho (2003, p. 101) embasando-se na concepção de Schutz, entende a noção de projeto como: “a conduta organizada para atingir finalidades específicas” objetivada por indivíduo ou compartilhadas por um coletivo/grupo. “[...] O projeto no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade” (VELHO, 2003, p.28). O projeto individual tende a ser fruto de um processo de negação e aceitação da realidade, negociação e imposição de múltiplos fatores que o indivíduo tem acesso. Por exemplo, se um jovem decide trilhar outra profissão que difere da dos seus pais, passa a sofrer uma pressão muito forte no seio familiar ou não, vai depender muito do contexto e das expectativas nele confiada. Por essa razão, Velho considera os projetos individuais como complexos e contraditórios.

Por outro lado, o projeto coletivo é aquele que aglutina num grupo uma meta ou desejo em prol de uma construção mais ampla, mas conforme nos alerta Velho, “um projeto coletivo não é vivido de modo totalmente homogêneo pelos indivíduos que o compartilham” (2003, p.41). A este respeito complementa o autor, “existem diferenças de interpretação devido à particularidade do status, trajetória e, no caso de uma família, de gênero e geração”

(ibidem). Por essa razão lidar com projetos é lidar com os aspectos culturais, os papéis sociais de cada gênero e situação raça/cor e classes sociais que estes homens e mulheres se inserem, interagem e vivem. Portanto, o conceito que aqui nos filiamos, entende que o projeto “não opera num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos” (VELHO, 2003, p.46). Neste sentido, até mesmo a ausência de um projeto é fruto de uma conjuntura própria que merece relevância em um estudo social. Conforme aponta Gilberto Velho, a efetivação de um projeto “[...] vai depender do jogo e interação dinâmica com outros projetos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidade” (2003, p. 47).

Velho (2003) chama atenção para o processo de globalização e como neste contexto os projetos mudam e como as pessoas são influenciadas por esse intercâmbio acelerado e desigual da sociedade moderna, colocando assim “[...] em xeque todas as concepções de identidade social e consistência existencial, em termos amplos” (2003, p. 48). É no seio da sociedade capitalista que neste estudo vislumbramos compreender os projetos profissionais juvenis na realidade da agricultura familiar.

OS PROJETOS PROFISSIONAIS DOS JOVENS AGRICULTORES FAMILIARES

Os projetos juvenis têm significados e particularidades que são próprios desta condição. É durante a juventude que os sujeitos têm a possibilidade de descobrir as mudanças que lhes estão acontecendo e, ao mesmo tempo, tornam-se também capazes de projetarem-se para o futuro e conhecerem a si mesmos (MELUCCI; FABBRINI, 2000, apud SERAFIM; MEZZOMO; PÁTARO, 2016, p.290). Para Weisheimer (2009, p.264) “a construção de projetos permite aos jovens antecipar a sequência seguinte da sua existência em meio às constantes atualizações e transformações da transição para a vida adulta”. Claro que ao depender da realidade e do contexto vão variar o período em que isso acontece e os projetos por eles elaborados, tendo em vista “ainda que a fase juvenil esteja presente em todas as classes, nota-se que ela não ocorre de forma homogênea a todas” (POCHMANN, 2004, p. 231).

Segundo Pochmann o período juvenil na sociedade de classe geralmente é obscurecido, pois o retratam como fase duradoura, “[...] isso acontece frequentemente porque a referência das informações sobre a juventude concentra-se, na maior parte das vezes, nos jovens pertencentes às camadas privilegiadas [...]” (2004, p.231). Em contraponto, os jovens pobres não possuem as mesmas condições favoráveis para postergar este período. Frigotto (2004) elenca que os jovens filhos da classe trabalhadora “tendem a sofrer um processo precoce de adultização”. Na singularidade da agricultura familiar esse processo de adultização é uma realidade constante, já que os jovens desde cedo são inseridos no trabalho agrícola e com o passar do tempo novas responsabilidades são delegadas, logo seu tempo de “jovem” é encurtado em relação aos padrões etários de outros contextos.

Weisheimer (2009) descreve que Boutinet (2002) “propõe as fases da vida como situações existenciais de projeto onde se pode identificar um conjunto de projetos possíveis que caracterizaria

a fase juvenil” (2009, p.264). Segundo Boutinet (2002), existem três tipos de projetos juvenis: a) o projeto de orientação escolar em curto prazo; b) o projeto de orientação profissional em médio prazo; c) o projeto de vida, de caráter sentimental e familiar de longo prazo.

Para este trabalho tomamos como objeto os projetos profissionais, entendendo-os como determinantes no contexto da agricultura familiar, para reprodução social do processo de trabalho familiar agrícola, pois se tais projetos diferem da profissão de agricultor, o núcleo familiar corre o risco de não realizar a sucessão na administração da UPF. Conforme encontramos em Weisheimer:

Projeto Profissional é o projeto de inserção socioprofissional em médio prazo. Reflete as imagens profissionais que os jovens agricultores reservam para si, os tipos de grupos profissionais e respectivos recursos a que aspiram. Esta projeção em futuros profissionais possíveis estrutura o reconhecimento de uma identidade profissional⁴ construída, socialmente, por meio de interações entre trajetórias individuais e sistemas de emprego, de trabalho e de formação, logo, são construídas por meio de processos de socialização cada vez mais diversificados que ampliam o campo de possibilidades projetivas. Os projetos profissionais permitem a objetivação das representações dos jovens sobre suas possibilidades futuras de permanência ou saída da atividade agrícola. (WEISHEIMER, 2009, p. 264)

No cenário globalizado contemporâneo, os projetos profissionais dos jovens agricultores familiares tendem a serem cada vez mais diversos. Estes projetos são influenciados por múltiplos canais, porém os mais comuns, conforme já apresentamos aqui, são: a socialização escolar, as mídias (redes sociais, rádios, TVs etc.) e a própria socialização no trabalho familiar agrícola. Evidentemente que as condições materiais, a condição de gênero, a raça/etnia/cor, os níveis de autonomia juvenis, são agentes influenciadores neste processo.

Os projetos profissionais não nascem do acaso, tão poucos são vazios de conteúdo simbólico, cultural e social, conforme nos alerta Velho (2003). Os projetos profissionais imprimem identidade aos sujeitos, eles definem o futuro do indivíduo, em longo prazo sedimentam elementos que direcionam a sua vida. Portanto, em nosso entendimento, os projetos profissionais dos jovens agricultores só são compreensíveis se tomarmos as múltiplas relações que os forjam e as dão significado.

OS PROJETOS PROFISSIONAIS DOS JOVENS AGRICULTORES FAMILIARES DO MUNICÍPIO DE VALENÇA-BA

Buscando saber quais os projetos profissionais dos jovens agricultores familiares do município de Valença-BA, perguntamos

⁴ A construção das identidades profissionais são “sempre resultados precários ainda que muito fecundos de processos de socialização, estas identidades constituem formas sociais de construção da individualidade, a cada geração, em casa sociedade” (DUBAR, 2005, p. 330).

“Você tem um projeto profissional que quer exercer no futuro?” Majoritariamente 68,6% dos entrevistados disseram que tinham um projeto profissional, outros 29,9% responderam que não. Para essa resposta não se constatou diferença significativas por sexo do entrevistado.

Entres os entrevistados que afirmaram possuir um projeto profissional indagamos qual seria este projeto. Às áreas mais citadas pelos jovens foram respectivamente: Agricultura com 19,6% do total de frequências, seguido por profissões na área de saúde 8% e área de educação prevaleceu entre 7,2% do total dos jovens. Quando a resposta é comparada segundo o gênero do entrevistado constatamos diferenças significativas. Conforme verificamos na Tabela 1 existe um percentual maior de jovens homens que optaram por uma profissão agrícola, 13,8% dentre o total dos entrevistados, enquanto que entre as jovens mulheres observa-se 5,8% das respostas. Por sua vez as profissões ligadas à educação são citadas exclusivamente por mulheres.

Tabela 1: Pergunta “Qual o seu projeto profissional?” por sexo (f %)

QUAL É O SEU PROJETO PROFISSIONAL?	SEXO:		Total
	Masculino	Feminino	
ÁREA DE SAÚDE	f 4 % 2,9%	f 7 % 5,1%	f 11 % 8,0%
FUTEBOL	f 2 % 1,4%	f 0 % 0,0%	f 2 % 1,4%
ÁREA MECÂNICA	f 3 % 2,2%	f 0 % 0,0%	f 3 % 2,2%
EDUCAÇÃO	f 0 % 0,0%	f 10 % 7,2%	f 10 % 7,2%
AGRICULTURA	f 19 % 13,8%	f 8 % 5,8%	f 27 % 19,6%
POLICIAL	f 7 % 5,1%	f 1 % 0,7%	f 8 % 5,8%
ADMINISTRAÇÃO	f 2 % 1,4%	f 3 % 2,2%	f 5 % 3,6%
OUTRAS ÁREAS	f 8 % 5,8%	f 7 % 5,1%	f 15 % 10,9%
MOTORISTA	f 4 % 2,9%	f 0 % 0,0%	f 4 % 2,9%
BELEZA	f 2 % 1,4%	f 4 % 2,9%	f 6 % 4,3%
NS/NR/NA	f 25 % 18,1%	f 22 % 16,0%	f 47 % 34,1%
TOTAL	f 76 % 55,1%	f 62 % 44,9%	f 138 % 100,0%

Fonte: Banco de dados jovens agricultores familiares Valença-BA, 2018.

Destaca-se ainda nessa tabela que 34,1% dos entrevistados não souberam responder. Isso revela que um terço dos jovens agricultores de Valença não tem qualquer perspectiva profissional futura, o que revela um dos impasses centrais dos jovens diante do modo de produção capitalista.

Partindo desses projetos procuramos saber qual era a disposição dos jovens em reproduzir o trabalho familiar agrícola. Ao serem confrontados com a questão “Você pretende se estabelecer profissionalmente na agricultura familiar?” contatamos uma divisão entre os entrevistados com um predomínio pela recusa ao trabalho agrícola por 52,17% deles, enquanto outros 45,65% que

afirmaram que sim para a pergunta. Esse dado colabora com outros estudos realizados na Bahia, como por exemplo, a pesquisa sobre a situação juvenil na agricultura familiar no Recôncavo da Bahia coordenado por Nilson Weisheimer em 2012, quando se constatou que naquela região, 64% dos jovens agricultores não desejavam permanecer nessa atividade.

Ao considerar essas respostas segundo o gênero dos entrevistados verificamos uma significativa diferenciação quanto à disposição dos jovens para com a agricultura familiar. Entre os jovens homens predominam o desejo de ser agricultor formando 51,3% deles, entre as mulheres a disposição de ser agricultora esta presente em 38,7% das respostas. Elas projetam em 58,1% dos casos se inserirem em atividades não agrícolas. Isso confirma que há uma diferença significativa entre os jovens homens e mulheres quanto aos projetos de permanência nessa atividade.

Quando é feito o cruzamento por sexo e faixa etária dos entrevistados (Tabela 2) se constata que a recusa da profissão agrícola é principalmente dos jovens adolescentes e mulheres. Entre os jovens adolescentes do gênero masculino com 15 a 19 anos, 13,2% afirmam querer ser agricultor enquanto 26,3% não desejam essa atividade. Essa disposição inverte-se entre os jovens adultos onde percebe-se que 21,1% deseja permanecer na agricultura enquanto que entre os homens da mesma idade apenas 6,6% não querem ser agricultores. Isso provavelmente se deve que o jovem adulto homem já esteja estabelecido nessa atividade e sua reconversão para outro ramo profissional seja muito mais inserta que a permanência na agricultura.

Tabela 2: Cruzamento da pergunta “você quer se estabelecer profissionalmente como agricultor (a) familiar?” por sexo e faixa etária (f %)

SEXO:				FAIXA ETÁRIA DO ENTREVISTADO:			Total
				De 15 a 19 anos de idade.	De 20 a 24 anos de idade.	De 25 a 29 anos de idade.	
Masculino	VOCE QUER SE ESTABELECEER PROFISSIONALMENTE COMO AGRICULTOR(A) FAMILIAR ?	Sim	f	10	13	16	39
			%	13,2%	17,1%	21,1%	51,3%
		Não	f	20	11	5	36
			%	26,3%	14,5%	6,6%	47,4%
		NS/NR	f	1	0	0	1
			%	1,3%	0,0%	0,0%	1,3%
Total			f	31	24	21	76
			%	40,8%	31,6%	27,6%	100,0%
Feminino	VOCE QUER SE ESTABELECEER PROFISSIONALMENTE COMO AGRICULTOR(A) FAMILIAR ?	Sim	f	8	6	10	24
			%	12,9%	9,7%	16,1%	38,7%
		Não	f	15	14	7	36
			%	24,2%	22,6%	11,3%	58,1%
		NS/NR	f	1	0	1	2
			%	1,6%	0,0%	1,6%	3,2%
Total			f	24	20	18	62
			%	38,7%	32,3%	29,0%	100,0%
Total	VOCE QUER SE ESTABELECEER PROFISSIONALMENTE COMO AGRICULTOR(A) FAMILIAR ?	Sim	f	18	19	26	63
			%	13,0%	13,8%	18,8%	45,7%
		Não	f	35	25	12	72
			%	25,4%	18,1%	8,7%	52,2%
		NS/NR	f	2	0	1	3
			%	1,4%	0,0%	0,7%	2,2%
Total			f	55	44	39	138
			%	39,9%	31,9%	28,3%	100,0%

Fonte: Banco de dados jovens agricultores familiares Valença-BA, 2018.

Por sua vez entre as jovens mulheres verifica-se a mesma tendência com relação as disposição e idades. Entre elas 24,2% são jovens adolescentes que não querem permanecer na agricultura e 12,9% estão nessa faixa etária e desejam ser agricultoras no futuro. As jovens adultas que não pretender continuar nessa atividade formam 11,3% e as da mesma idade que desejam representam 16% das entrevistadas.

AS RELAÇÕES ENTRE AS CONDIÇÕES MATERIAIS, PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO E GÊNERO

O objetivo dessa parte é relacionarmos os projetos profissionais dos jovens agricultores familiares do município de Valença-BA, com suas condições materiais objetivadas como o acesso a terra e a renda agrícola e; os processos de no trabalho familiar agrícola e na educação formal; tendo o gênero como categoria transversal em nossa análise.

Inicialmente apresentamos o cruzamento entre as variáveis “Você quer se estabelecer profissionalmente como agricultor (a) familiar?”, com “Sua família é proprietária da terra que trabalha?”, tendo a variável interveniente sexo do entrevistado. Verificamos na Tabela 3 que a ampla maioria dos jovens estão em familiar que possuam a propriedade da terra. Contudo mesmo entre esses predomina a recusa pela profissão de agricultor. Entre os homens 44,7 % são de famílias proprietárias e não desejam permanecer na agricultura, enquanto que 40,8% deles afirmam querer ser agricultores familiares. Entre as jovens mulheres registramos que 53% delas estão em famílias com propriedade de terra e não desejam essa atividade no futuro. Isso nega o que esperávamos inicialmente, ou seja, que em condições mais favoráveis houvesse predomínio de projetos profissionais agrícolas. Desse modo é possível dizer que a propriedade da terra pela família não é condição suficiente para assegurar a adesão dos jovens a processo de trabalho familiar agrícola.

Tabela 3: Cruzamento da pergunta “você quer se estabelecer profissionalmente como agricultor (a) familiar?” por acesso familiar a terra e por sexo (f %)

SEXO:			VOCE QUER SE ESTABELECEER PROFISSIONALMENTE COMO AGRICULTOR (A) FAMILIAR ?			Total	
			Sim	Não	NS/NR		
Masculino	SUA FAMÍLIA É PROPRIETÁRIA DA TERRA EM QUE TRABALHA?	Sim	F	31	34	1	66
			%	40,8%	44,7%	1,3%	86,8%
		Não	F	8	2	0	10
			%	10,5%	2,6%	0,0%	13,2%
	Total		F	39	36	1	76
		%	51,3%	47,4%	1,3%	100,0%	
Feminino	SUA FAMÍLIA É PROPRIETÁRIA DA TERRA EM QUE TRABALHA?	Sim	F	23	33	2	58
			%	37,1%	53,2%	3,2%	93,5%
		Não	F	1	2	0	3
			%	1,6%	3,2%	0,0%	4,8%
	NS/NR	F	0	1	0	1	
%		0,0%	1,6%	0,0%	1,6%		
Total		F	24	36	2	62	
		%	38,7%	58,1%	3,2%	100,0%	
Total	SUA FAMÍLIA É PROPRIETÁRIA DA TERRA EM QUE TRABALHA?	Sim	F	54	67	3	124
			%	39,1%	48,6%	2,2%	89,9%
		Não	F	9	4	0	13
			%	6,5%	2,9%	0,0%	9,4%
	NS/NR	F	0	1	0	1	
%		0,0%	0,7%	0,0%	0,7%		
Total		F	63	72	3	138	
		%	45,7%	52,2%	2,2%	100,0%	

Fonte: Banco de dados jovens agricultores familiares Valença-BA, 2018.

Ainda comparando os dados por gênero dos entrevistados, verifica-se que as jovens pertencentes a familiares proprietárias das terras em que trabalham, há uma recusa superior ao trabalho familiar agrícola entre as mulheres do que a verificada entre os jovens homens. Entretanto, nos dois grupos, homens e mulheres, o número de jovens que suas famílias são proprietárias das terras em que produzem e que desejam se estabelecer na agricultura familiar é proporcionalmente próximo, levemente superior entre os homens.

Realizamos ainda o cruzamento do projeto profissional por renda familiar anual total e pelo sexo do entrevistado. Destes dados derivam as seguintes evidências. A disposição pra ser agricultor não é necessariamente maior entre as maiores rendas familiares. há em todos os extratos de rendas, um número muito próximo de jovens que desejam ou não permanecer na agricultura, as diferenças são maiores nas rendas superiores, a maioria dos jovens destes estratos em seus projetos profissionais tendem a não reprodução do trabalho familiar agrícola. Há uma desigualdade considerável nas respostas em relação ao gênero, com renda familiar total anual entre R\$ 10.000,00 e R\$ 20.000,00, em meio os homens a perspectiva de premência é maior neste extrato, já entre as mulheres a situação é inversa. As mulheres em todos os grupos de renda, exceto no primeiro (até R\$ 10.000,00), é maior o percentual das que não desejam permanecer na agricultura familiar. Já dentre os homens, apenas no primeiro extrato há um quantitativo superior dos que recusam continuar no trabalho familiar agrícola.

Tabela 4: Cruzamento da pergunta “você quer se estabelecer profissionalmente como agricultor (a) familiar?” por renda familiar total anual e por sexo (f %)

SEXO:				Renda Familiar Total / R\$ Ano						Total		
				+ 0 a 10.000	+ 10.000 a 20.000	+ 20.000 a 30.000	+ 30.000 a 40.000	+ 40.000	NS/NR			
Masculino	VOCE QUER SE ESTABELECEER PROFISSIONALMENTE COMO AGRICULTOR (A) FAMILIAR ?	Sim	f	2	14	10	5	3	5	39		
			%	2,6%	18,4%	13,2%	6,6%	3,9%	6,6%	51,3%		
		Não	f	3	9	9	5	3	7	36		
			%	3,9%	11,8%	11,8%	6,6%	3,9%	9,2%	47,4%		
		NS/NR	f	0	0	0	0	0	1	1		
			%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,3%	1,3%		
		Total			f	5	23	19	10	6	13	76
					%	6,6%	30,3%	25,0%	13,2%	7,9%	17,1%	100,0%
Feminino	VOCE QUER SE ESTABELECEER PROFISSIONALMENTE COMO AGRICULTOR (A) FAMILIAR ?	Sim	f	2	7	7	4	0	4	24		
			%	3,2%	11,3%	11,3%	6,5%	0,0%	6,5%	38,7%		
		Não	f	2	11	8	6	4	5	36		
			%	3,2%	17,7%	12,9%	9,7%	6,5%	8,1%	58,1%		
		NS/NR	f	0	1	0	0	0	1	2		
			%	0,0%	1,6%	0,0%	0,0%	0,0%	1,6%	3,2%		
		Total			f	4	19	15	10	4	10	62
					%	6,5%	30,6%	24,2%	16,1%	6,5%	16,1%	100,0%
Total	VOCE QUER SE ESTABELECEER PROFISSIONALMENTE COMO AGRICULTOR (A) FAMILIAR ?	Sim	f	4	21	17	9	3	9	63		
			%	2,9%	15,2%	12,3%	6,5%	2,2%	6,5%	45,7%		
		Não	f	5	20	17	11	7	12	72		
			%	2,6%	14,5%	12,3%	8,0%	5,1%	8,7%	52,2%		
		NS/NR	f	0	1	0	0	0	2	3		
			%	0,0%	0,7%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%	2,2%		
		Total			f	9	42	34	20	10	23	138
					%	6,5%	30,4%	24,6%	14,5%	7,2%	16,7%	100,0%

Fonte: Banco de dados jovens agricultores familiares Valença-BA, 2018.

Objetivando medir o grau de socialização no processo de trabalho familiar agrícola, dentre outros fatores, priorizamos o tempo de dedicação semanal do entrevistado ao trabalho agrícola. Os dados expressos na Tabela 5 comprovam que quanto mais tempo os jovens

dedicam-se semanalmente ao trabalho familiar agrícola, tanto mais os projetos profissionais tendem a reproduzir a condição de agricultor (a). Somando os percentuais dos que trabalham em tempo integral (seis dias) e parcial de quatro a cinco dias, temos um acumulado de 29% dentre os jovens entrevistados que desejam permanecer no trabalho agrícola. Em oposição, os jovens que declaram não trabalhar ou trabalham apenas um dia por semana, são os que os que mais formulam projetos profissionais fora da agricultura. Há ainda que considerar que muitos dos jovens que afirmaram não trabalhar na agricultura já vêm traçando projetos não agrícolas, por meio de cursos técnicos ou superiores.

Já a diferença da socialização no PTFA entre os gêneros ficam bem explicitadas com os dados que consta na tabela conseguinte, entre os homens que dedicam maior tempo a este trabalho, seus projetos, são mais voltados à reprodução do trabalho agrícola, 40,8% do total dos entrevistados do sexo masculino, que trabalham quatro a seis dias por semana se encontram nesta condição. Conforme os dados, as jovens que participam mais efetivamente, de modo parcial até três dias semanais, pelos motivos que já apresentamos no capítulo terceiro deste trabalho, formulam predominantemente, projetos fora do trabalho agrícola, 29% delas que afirmaram não trabalhar ou trabalham apenas um dia na agricultura familiar, não desejam se estabelecerem como agricultoras, outras 9,7% dentre elas revelaram trabalhar em torno de quatro e cinco dias por semana e desejam permanecer como agricultoras.

Em linhas gerais os dados expressam independente do gênero, que o tempo de dedicação possibilita uma socialização mais consolidada no processo de trabalho familiar agrícola, por conseguinte, mesmo com elementos que apontam a dureza, o modo artesanal e braçal que exigem o trabalho na agricultura familiar, cria-se um campo favorável à permanência do jovem nesta profissão.

Tabela 5: Cruzamento da pergunta “você quer se estabelecer profissionalmente como agricultor (a) familiar?” pela participação semanal no PTFA e por sexo (f %).

SEXO:			QUAL É SUA PARTICIPAÇÃO NO TRABALHO FAMILIAR AGRÍCOLA?						Total
			Tempo Integral (6 dias)	Não Trabalha	Parcial (4 a 5 dias)	Parcial (2 a 3 dias)	Parcial (1 dia)	NS/NR	
Masculino	VOCE QUER SE ESTABELECEER PROFISSIONALMENTE COMO AGRICULTOR(A) FAMILIAR ?	Sim	f 17	1	14	5	1	1	39
		%	22,4%	1,3%	18,4%	6,6%	1,3%	1,3%	51,3%
	NÃO	f	10	6	10	5	3	2	36
		%	13,2%	7,9%	13,2%	6,6%	3,9%	2,6%	47,4%
	NS/NR	f	1	0	0	0	0	0	1
		%	1,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,3%
Total		f	28	7	24	10	4	3	76
		%	36,8%	9,2%	31,6%	13,2%	5,3%	3,9%	100,0%
Feminino	VOCE QUER SE ESTABELECEER PROFISSIONALMENTE COMO AGRICULTOR(A) FAMILIAR ?	Sim	f 3	1	6	10	4	0	24
		%	4,8%	1,6%	9,7%	16,1%	6,5%	0,0%	38,7%
	NÃO	f	3	9	4	8	9	3	36
		%	4,8%	14,5%	6,5%	12,9%	14,5%	4,8%	58,1%
	NS / NR	f	0	0	0	2	0	0	2
		%	0,0%	0,0%	0,0%	3,2%	0,0%	0,0%	3,2%
Total		f	6	10	10	20	13	3	62
		%	9,7%	16,1%	16,1%	32,3%	21,0%	4,8%	100,0%
Total	VOCE QUER SE ESTABELECEER PROFISSIONALMENTE COMO AGRICULTOR(A) FAMILIAR ?	Sim	f 20	2	20	15	5	1	63
		%	14,5%	1,4%	14,5%	10,9%	3,6%	0,7%	45,7%
	NÃO	f	13	15	14	13	12	5	72
		%	9,4%	10,9%	10,1%	9,4%	8,7%	3,6%	52,2%
	NS/NR	f	1	0	0	2	0	0	3
		%	0,7%	0,0%	0,0%	1,4%	0,0%	0,0%	2,2%
Total		f	34	17	34	30	17	6	138
		%	24,6%	12,3%	24,6%	21,7%	12,3%	4,3%	100,0%

Fonte: Banco de dados jovens agricultores familiares Valença-BA, 2018.

Feito o cruzamento das respostas da pergunta “você quer se estabelecer profissionalmente como agricultor (a) familiar?” pela escolaridade e por sexo dos entrevistados. Os dados mostram que os jovens com ensino fundamental incompleto concentram um maior

contingente, tanto entre os que desejam permanecer (17,4% do total) na agricultura familiar, tanto entre os que possuem projetos não agrícolas (23,9% do total). Em relação à socialização escolar por gênero, há uma prevalência entre as mulheres, que possuem grau de escolarização superior em relação aos homens, na recusa ao trabalho agrícola, sendo mais acentuada entre as jovens que estão no ensino fundamental e entre as jovens com ensino médio concluído que permanecem estudando. Entre os homens observa-se, quanto menor o nível de escolarização, maior será a tendência de construção de projetos não agrícolas.

Na Tabela 6 notamos que os respondentes que desejam continuar na agricultura, são os que mais responderam que não pretendiam continuar ou voltar a estudar (10,9% do total) ou que vão estudar até completar o ensino médio (9,4% do total). A escolarização neste contexto, para muitos dos jovens agricultores tem um significado de compromisso, dentro de um projeto coletivo familiar, tendo em vista que muitos dos pais dos entrevistados não tiveram a oportunidade de estudar, portanto, a eles cabem concluir ao menos o ensino médio. Por isso há essa inclinação para maioria dos jovens que já concluíram e não desejam voltar a estudar e os que ainda estão estudando, chegar a este nível. É importante pontuarmos ainda, que a pretensão de permanecer na agricultura é acompanhada pelo desejo estudar até concluir um curso técnico ou superior ligado à agricultura.

Tabela 6: Cruzamento da pergunta “você quer se estabelecer profissionalmente como agricultor (a) familiar?” pela escolaridade e por sexo (f %).

SEXO:				VOCE QUER SE ESTABELECEER PROFISSIONALMENTE COMO AGRICULTOR (A) FAMILIAR?			Total
				Sim	Não	NS/NR	
Masculino	QUAL A SUA ESCOLARIDADE?	Fundamental Incompleto	%	23,7%	25,0%	1,3%	50,0%
		Fundamental Completo	%	1,3%	1,3%	0,0%	2,6%
		Médio Incompleto	%	11,8%	9,2%	0,0%	21,1%
		Médio Completo	%	9,2%	7,9%	0,0%	17,1%
		Técnico Incompleto	%	0,0%	2,6%	0,0%	2,6%
		Técnico Completo	%	3,9%	0,0%	0,0%	3,9%
		Superior Incompleto	%	1,3%	1,3%	0,0%	2,6%
	Total		%	51,3%	47,4%	1,3%	100,0%
Feminino	QUAL A SUA ESCOLARIDADE?	Fundamental Incompleto	%	9,7%	22,6%	1,6%	33,9%
		Fundamental Completo	%	3,2%	0,0%	0,0%	3,2%
		Médio Incompleto	%	9,7%	14,5%	1,6%	25,8%
		Médio Completo	%	9,7%	9,7%	0,0%	19,4%
		Técnico Completo	%	1,6%	3,2%	0,0%	4,8%
		Superior Incompleto	%	4,8%	3,2%	0,0%	8,1%
		Superior Completo	%	0,0%	1,6%	0,0%	1,6%
	Pós-Graduação	%	0,0%	3,2%	0,0%	3,2%	
Total		%	38,7%	58,1%	3,2%	100,0%	
Total	QUAL A SUA ESCOLARIDADE?	Fundamental Incompleto	f	24	33	2	59
			%	17,4%	23,9%	1,4%	42,8%
		Fundamental Completo	f	3	1	0	4
			%	2,2%	0,7%	0,0%	2,9%
		Médio Incompleto	f	15	16	1	32
			%	10,9%	11,6%	0,7%	23,2%
		Médio Completo	f	13	12	0	25
			%	9,4%	8,7%	0,0%	18,1%
		Técnico Incompleto	f	0	2	0	2
		%	0,0%	1,4%	0,0%	1,4%	
Técnico Completo	f	4	2	0	6		
	%	2,9%	1,4%	0,0%	4,3%		
Superior Incompleto	f	4	3	0	7		
	%	2,9%	2,2%	0,0%	5,1%		
Superior Completo	f	0	1	0	1		
	%	0,0%	0,7%	0,0%	0,7%		
Pós-Graduação	f	0	2	0	2		
	%	0,0%	1,4%	0,0%	1,4%		
Total		f	63	72	3	138	
		%	45,7%	52,2%	2,2%	100,0%	

Fonte: Banco de dados jovens agricultores familiares Valença-BA, 2018.

Segundo os dados referentes a escolarização, há uma projeção dos jovens agricultores que vislumbram profissões diferentes da que ocupam, estudarem até concluírem a graduação em um curso superior não agrícola (15,9% do total) seguido do quesito estudar até completar o ensino médio (10% do total), compreendendo que a maioria dos empregadores fora da agricultura exigem como pré-requisito mínimo o ensino médio completo.

Ao analisarmos com o recorte de gênero os jovens do sexo masculino são os que mais relacionam permanência na agricultura com o desejo de não pretender continuar ou voltar a estudar (17,1% do total), seguido dos que desejam apenas concluir o ensino fundamental (10,5% do total) e médio (9,2% do total). As mulheres que desejam deixar a agricultura e concluir um curso superior para um trabalho não agrícola somam 25,8% do total dentre as jovens. Um dado que nos chama atenção, em relação às jovens mulheres é a dualidade de desejar permanecer na agricultura mesmo querendo realizar um curso superior numa área não agrícola (8,1% do total). Este fato se relaciona à possibilidade de conciliar com uma profissão não agrícola como: professora ou enfermeira, por exemplo, sem necessariamente, deixar de ser agricultora em parte de seu tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da vertente teórica que orientou a análise dos dados, os projetos profissionais elaborados por jovens agricultores familiares são compreensíveis se considerarmos as múltiplas relações que os forjam e dão significados. Neste sentido, quando fazemos o cruzamento dos projetos profissionais informados pelos entrevistados por gênero dos entrevistados constatamos que há maior incidência de homens que optaram pela agricultura ou profissão diretamente relacionada a ela. As jovens mulheres citaram mais profissões ligadas à educação e saúde. Destaca-se, contudo, que a maioria dos entrevistados dizem não querer se estabelecer profissionalmente como agricultor (a) familiar.

Correlacionado os projetos com as condições materiais, percebemos a prevalência entre os jovens do sexo masculino do desejo de reproduzir a profissão de agricultor, mesmo em condições materiais desfavoráveis. As mulheres formulam projetos fora da agricultura, mesmo nas condições mais favoráveis de renda e acesso a terra, majoritariamente.

Os dados que relacionam os projetos profissionais com a socialização no PTFa e na escolarização, comprovam que quanto mais tempo os jovens se dedicam ao trabalho familiar agrícola, mais frequentes os projetos profissionais tendem a reproduzir a condição de agricultor (a). Em relação à socialização escolar por gênero há uma prevalência entre as mulheres, que possuem grau de escolarização superior em relação aos homens, na recusa ao trabalho agrícola sendo mais ^{acentuada} entre as jovens que estão no ensino fundamental e entre as jovens com ensino médio concluso que permanecem estudando. Entre os homens observa-se que quanto menor o nível de escolarização maior será a tendência de construção de projetos não agrícolas.

Concluindo este estudo dissertativo ficou evidenciado que os projetos profissionais dos jovens resultam de fatores objetivos e subjetivos. Que essa não é uma escolha feita ao acaso e tão pouco apenas individual. Os dados comprovam os jovens agricultores familiares, elaboram seus projetos profissionais intimamente relacionados com sua inserção e interação no processo de trabalho familiar agrícola e na socialização escolar. Que as diferenciações de gênero são determinantes e na atribuição de papéis sociais diferenciados na agricultura familiar resultando numa exclusão mais elevada de jovens mulheres da agricultura familiar.

Por fim, este estudo permitiu estranhar o familiar o que nos conduz a novas questões para investigações futuras. Como houve neste estudo casos de jovens sem projetos profissionais, indaga-se por quais as razões, mesmo em idades mais avançadas, esses jovens não conseguem elaborar projetos profissionais? Ainda, em nossa hipótese inicial, os jovens com condições materiais favoráveis teriam as disposição a reproduzir o trabalho familiar agrícola, entretanto no caso observado os jovens cujas famílias possuíam as maiores rendas apresentaram em sua maioria projetos não agrícolas. Por que razão em condições materiais mais favoráveis há uma recusa maior ao trabalho familiar agrícola? E finalmente, porque mesmo com mais acesso a políticas públicas de fortalecimento da agricultura familiar não representou um igual aumento na disposição para sucessão geracional na agricultura familiar?

REFERÊNCIAS

- BAHIA. SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA-SEI. Sistema de informações municipais. Disponível em: <http://sim.sei.ba.gov.br/sim/informacoes_municipais.wsp>. Acesso em: 04 jul. 2017.
- BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS-IBGE. Informações completas Valença-Bahia. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php>>. Acesso em: 10 abr. 2017.
- CASAGRANDE, Daiana Panciera; SALVARO, Giovana Ilka Jacinto; ESTEVAM, Dimas de Oliveira. Projetos profissionais de jovens universitários/as que residem no meio rural: estudo de caso dos/as jovens do município de Meleiro, SC. In: Rev. Interações, Campo Grande, v. 13, n. 2, p. 261-271, jul./dez. 2012.
- CASTRO, Elisa. Guaranã de. Et Al. Os jovens estão indo embora?: juventude rural e a construção de um ator político. – Rio de Janeiro: Maud X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil. In: Juventude e sociedade: trabalho, educação e participação. Organizadores: Regina Novais e Paulo Vannuchi. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 180-216.
- POCHMANN, Marcio. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: Juventude e sociedade: trabalho, educação e participação. Organizadores: Regina Novais e Paulo Vannuchi. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 217-241.
- SERAFIM, Thaís; MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira. Projetos de vida e constituição de identidades juvenis na interface com a religião e a política. In: Psicologia Argumento, Curitiba, v. 34, n. 87, out./dez. 2016.
- SOROKIN, P.A.; ZIMMERMAN, C.C.; GALPIN, C.J. Diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano. In: MARTINS, José de Souza. (Org). Introdução crítica a sociologia rural. São Paulo: Hucitec, 1981. p. 198-224.
- SÓUSA, João Paulo Aguiar de. As perspectivas políticas da juventude rural do município de Valença- Ba. Cacheira: UFRB, 2015. Monografia (Graduação em Serviço Social), Centro de Artes Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2015.
- VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. – 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. – 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- WEISHEIMER, Nilson. Juventudes Rurais: Mapa de Estudos Recentes. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.
- WEISHEIMER, Nilson. Situação juvenil na agricultura familiar. Porto Alegre: UFRGS, Tese (Tese em Sociologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- WEISHEIMER, Nilson et. al. Estudo sobre a Situação Juvenil na Agricultura Familiar no Recôncavo da Bahia. Pesquisa financiada pelo CNPq, Cachoeira, 2012.